

Dossiê

O Esoterismo na Academia: uma análise do percurso histórico e historiográfico

The Esoterism in Academy: an analysis about historical and historiographic trajectory

Ana Rosa Clochet da Silva*
Marcelo Leandro de Campos**

Resumo

O presente artigo traz um balanço dos estudos historiográficos sobre o esoterismo ocidental que, atualmente, constitui um campo específico de estudos acadêmicos. O esoterismo é aqui considerado como um fenômeno histórico-religioso relevante para a compreensão da moderna cultura ocidental e a trajetória do imaginário mágico-hermético é apresentada em linhas gerais, enfatizando-se o estado atual do debate e sua institucionalização. Conforme se pretende demonstrar, tal debate aborda questões pertinentes às relações reversivas entre os fenômenos da modernidade e da secularização, sendo que um dos méritos dos estudos apresentados é o fato de restituírem ao seu contexto histórico toda uma importante tradição cultural que havia sido relegada ao esquecimento pelo discurso de uma modernidade exclusivamente racionalista.

Palavras-chave: Esoterismo Ocidental. Gnose. Religião. Modernidade.

Abstract

This article provides a balance of the historiographical studies on esotericism in the West that currently constitutes a specific field of academic study. The esotericism is considered here as a historical-religious phenomena relevant to the understanding of modern Western culture and the history of magic-hermetic imagery is presented in general, emphasizing recent conceptual paradigms and the process of academic studies' institutionalization. As intended to demonstrate such debate addresses relevant issues about relationship between the phenomena of modernity and secularization, and one of the merits of the presented studies is the fact that repay to its historical context all an important cultural tradition that

* Docente da Faculdade de História da PUC-Campinas e do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião, pela mesma Universidade, com projetos integrados à Linha de Pesquisa: Fenômeno Religioso: instituição e práticas discursivas. É doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas (2000) e pós-doutora na mesma área pela USP (2007), com projeto integrado ao grupo temático: Brasil: Formação do Estado e da Nação. Possui graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual de Campinas (1993) e mestrado em História pela Universidade Estadual de Campinas (1996).

** Historiador, com Licenciatura/Bacharelado em História pela PUC Campinas; Mestrando em Ciências da Religião pela PUC Campinas, com bolsa da CAPES; pesquisa sobre Esoterismo Ocidental na América Latina. Master Coach filiado à Sociedade Latinoamericana de Coaching; Professor de Educação Financeira e Coaching na EGDS-Campinas.

had been relegated to oblivion the speech by the discourse of a purely rationalist modernity.

Keywords: Western esoterism; Gnosis; Religion; Modernity.

1 Introdução

Desde a década de 1960, o tema do "esoterismo ocidental" vem despertando o interesse de pesquisadores e, particularmente no campo historiográfico, inspirando uma fecunda produção acadêmica, a partir de estudos sobre o renascimento italiano e o contexto histórico-cultural que marcou o nascimento da modernidade. O estudo sistemático de fontes do período revelou, de forma surpreendente, que o humanismo, o pensamento antropocêntrico e a própria metodologia científica se desenvolvem, em grande medida, sob o impulso de um imaginário mágico-hermético com o qual se confundem e inter-relacionam durante séculos. (HANEGRAAF, 1996, p. 1-20).

Tal perspectiva reabre questões de fundo no tocante aos complexos temáticos que se referem à "modernidade" - marcada pelo alto grau de racionalização e pelo desenvolvimento técnico-científico da sociedade ocidental - e à "secularização" - referida ao processo de autonomização das esferas sociais em relação à religião -, esgarçando a possibilidade de combinações múltiplas entre mentalidade cristã, tradições místico-esotéricas e o racionalismo secular.

Sob tal perspectiva, a historiografia sobre o esoterismo ocidental vem abrindo novas perspectivas de análise, resgatando versões até então

marginalizadas, fruto de uma tendência antropológica da sociedade moderna, de exclusão do "outro", do "diferente". Reconhecendo que para a modernidade ocidental o esoterismo é a "outra tradição" (VASICECK, 2009, pp. 109-110) - por muito tempo relegada ao silêncio em nome de uma modernidade pretensamente racionalista -, os historiadores do esoterismo restabelecem o diálogo com essa tradição cultural, denunciando o quanto a própria noção ocidental de esoterismo se configura, também, numa formulação histórica, fruto de uma intensa polêmica renascentista que opõe "hermetismo" (enquanto sinônimo de magia) e "religião", responsável pela desvalorização do magismo e sua consequente marginalização (HANEGRAAF, 2004, p. 491).

O interesse renovado pelo tema do esoterismo relaciona-se, ainda, a um aspecto contingencial de nossa sociedade contemporânea e, especificamente, brasileira: a verdadeira explosão de doutrinas, grupos, filosofias, novas religiões e formas de religiosidade observada nas últimas décadas (PORTELLA, 2011, p. 214), desembocando numa diversidade de experiências místico-esotéricas, com capacidade de proporem novos valores e estilos de vida, indicativas de uma "nova consciência religiosa", problematizadora



dos "princípios básicos da modernidade e do desenvolvimento cultural de nossa civilização", bem como de demandas de natureza subjetiva (SIQUEIRA; LIMA, 2003). Neste sentido, o esoterismo se torna, também, dimensão constitutiva de um novo ambiente cultural e religioso-espiritual, convertendo-se em ponto de partida de toda a espiritualidade *New Age*, fenômeno que, a nosso ver, não pode ser ignorado pelo âmbito geral das formulações científicas. Mesmo porque, embora as escolas esotéricas, institucionalmente falando, sejam relativamente pequenas, quando vistas à luz do campo religioso, seu alcance cultural é enorme e duradouro, compondo uma parte expressiva do imaginário ocidental.

Pautado no diálogo com a produção acadêmica que vem configurando um campo de estudos sobre o esoterismo ocidental, nas reflexões que seguem buscaremos traçar a trajetória de suas principais tendências e paradigmas, considerando a relevância de tais abordagens não apenas para a compreensão da modernidade como fenômeno pluridimensional, mas, de modo específico, para o campo acadêmico da(s) Ciência(s) da(s) Religião(ões). Neste particular, impõe-se lidar com um tratamento consolidado, herdeiro do aporte teórico e metodológico da Teologia e que, justamente por isso, tendeu a conferir um papel extremamente marginal às manifestações espiritualistas externas ao campo institucional das

igrejas cristãs e, particularmente, do catolicismo. Sob tal ênfase, gnose, hermetismo e ocultismo somente receberam alguma atenção enquanto movimentos heréticos ou cismáticos, considerados enquanto desvios do eixo principal do cristianismo.

Trata-se, aqui, do processo histórico que Bourdieu identifica com a monopolização e legitimação do monopólio do capital religioso por um corpo sacerdotal no contexto da modernidade ocidental. Segundo o autor, este corpo sacerdotal, ligado diretamente ao processo de racionalização da religião, passou a derivar sua "legitimidade de uma teologia erigida em dogma cuja validade e perpetuação ele garante", destituindo da gestão do capital religioso aqueles que, por esta razão, foram transformados em "leigos" ou "profanos", no duplo sentido de "ignorantes da religião" e "estranhos ao sagrado" e ao seu "corpo de administradores" profissionais. Um processo que, na visão do autor, esteve na base do princípio de oposição entre o *sagrado* e o *profano*, entre *religião* e aquilo que passou a ser designado como *magia* ou como *feiticeira*, no sentido de religião inferior (BOURDIEU, 2003, p. 43).

Nas reflexões que seguem, partiremos do esforço de justificar a pertinência de se estudar o esoterismo a partir da Ciência(s) da(s) Religião(ões); esse será o ponto de partida para esclarecermos alguns conceitos fundamentais que estruturam o campo

acadêmico em questão, tais como religião, esoterismo e gnose.

É importante frisar que, academicamente, a relevância da questão gira em torno da necessidade de se elaborar definições conceituais dotadas de eficiência analítica e que permitam avançar na compreensão dos fenômenos estudados. Nesse sentido, como bem destaca o historiador Roberto Di Stefano, o conceito de religião pode servir ao pesquisador como uma poderosa ferramenta analítica; considerar a autonomia do campo religioso, a carga simbólica que o anima e a lógica que proporciona sua inteligibilidade pode, por exemplo, lançar novas luzes sobre processos políticos, sociais e econômicos que tangenciam a questão religiosa, como é o caso do discurso anticlerical (DI STEFANO, 2008, p. 159-160) ou da célebre análise de Weber sobre o tipo de sociedade em que se desenvolve o

capitalismo. Ao mesmo tempo, as experiências de contato com o divino, sistematizadas ou não em torno de um corpo doutrinário e num conjunto de crenças e práticas religiosas, só podem ser analisadas à luz de seu contexto histórico que, segundo o modelo proposto por Frank Usarski, é uma dimensão básica do estudo do fenômeno religioso (USARSKI, 2006, p. 125).

Em seguida, apresentaremos um esboço da evolução dos estudos historiográficos sobre o esoterismo, através da apresentação dos três principais paradigmas propostos sobre o assunto: o chamado Paradigma de Yates, a primeira abordagem acadêmica sobre o tema; a proposta conceitual e metodológica de Riffard e Faivre e, por fim, a situação atual do debate conceitual do esoterismo enquanto campo específico.

2 Esoterismo: a história de um conceito

As dificuldades de conceituação do esoterismo no âmbito religioso e espiritualista derivam, basicamente, da necessidade de se propor uma definição que abarque, funcionalmente, a totalidade das cosmovisões e vivências espiritualistas das diferentes sociedades humanas. Como destaca o historiador italiano Marcelo Massenzio, a noção de religião é ela própria produto da história, pertence a um contexto histórico-cultural

específico em que está associada ao universo monoteísta cristão, por um lado, e à concepção ocidental de uma esfera sagrada em oposição a uma esfera cívica, por outro (MASSENZIO, 2005, p. 23). Limitações que um conceito com validade acadêmica necessita considerar e superar.

Neste sentido, consolida-se o reconhecimento compartilhado por diversos pesquisadores, que consideram

mais produtivo optar por um conceito aberto de religião, que permita superar as generalizações, sobretudo a partir de uma ótica cristã, como historicamente se observa no mundo ocidental. Para os propósitos deste trabalho vamos acompanhar tal tendência, conceituando a religião de forma ampla, porém irreduzível a outras dimensões que compõem a realidade humana (sociológica, psicológica, antropológica, etc.). É esta, por sua vez, a postura dominante no campo de "História do Esoterismo Ocidental", tendo esta última, consagrado a perspectiva de um dos seus principais representantes, segundo o qual a religião é assumida como "qualquer sistema simbólico que influencia a ação humana, fornecendo possibilidades de ritualmente manter o contato entre o mundo cotidiano e uma estrutura metaempírica mais geral de sentido". (HANEGRRAFF, 2003, p. 359). A religião, nesse sentido, pode ser entendida tanto em seu caráter institucional, como em nível subjetivo, enquanto forma de espiritualidade.

Uma vez assumida a religião como um sistema simbólico que admite uma dimensão meta-empírica, entendemos que o esoterismo ocidental constitui, grosso modo, um sistema simbólico específico, dotado de linguagem e cosmovisão próprios, o qual, conforme recentes estudos, constitui dimensão estruturante da história cultural e religiosa da Europa que, desde a antiguidade, caracterizou-se por um rico

pluralismo religioso. Desse dos, não se trata de um "sub-campo" componente do campo religioso mais geral - conforme formulação de Bourdieu -, mas esoterismo e religião se contituem em ferramentas teóricas e conceituais, que permitem a compreensão de um campo mais amplo, que aqui nos interessa: o da cultura moderna ocidental.

Contudo, quando se considera o percurso histórico da palavra esoterismo - oriunda do termo grego *esoterikos* (interno) - verifica-se sua aparição original nas escolas iniciáticas, ou de mistérios, indicando a posse de um conhecimento oculto (*gnosis*), secreto e acessível apenas a iniciados, a respeito de todo o universo e do próprio homem. O termo Ocultismo, mais comum nas escolas esotéricas do século XIX, tem o mesmo sentido. Esse conhecimento oculto, de tipo superior, teria estado presente em todas as grandes culturas do passado (egípcios, persas, gregos, maias, chineses, hindus, etc.), sendo sempre transmitido por um grupo de iniciados. Para os esoteristas, sua doutrina constitui uma *prisca theologia*: o verdadeiro conhecimento espiritual, imutável desde o início da humanidade. Muitos esoteristas, a partir dessa ideia, declaram que o ocultismo é a única religião verdadeira, no sentido de ser a única a possuir o conhecimento que permita a reunião (*religare*) entre o homem e Deus (STUCKRAD 2005, p. 1-2).

As tradições esotéricas ocidentais têm suas raízes no Mediterrâneo

romanizado, nos primeiros séculos da era cristã, fruto de uma combinação da filosofia grega com os cultos de mistérios, como o orfismo e o mitraísmo, que vai criar um híbrido de "filosofia religiosa" ou "religião filosófica", capaz de reunir percepções filosóficas sobre o homem (antropologia), a existência e a realidade (ontologia), o cosmos e a natureza. Tais ideias se relacionam com questões religiosas como a sacralização da natureza e do "si mesmo", além de uma concepção holística do universo.

Uma de suas características é a teoria das correlações cosmológicas (correspondência entre o microcosmo e o macrocosmo). Tais noções de correspondências simbólicas entre terreno e divino são herdadas do pensamento neoplatônico, bem como o conceito de alma diferenciada do corpo humano. Sob tal perspectiva, a filosofia perde sua função dialética e passa a ser cultivada como um modo de alcançar o conhecimento intuitivo das coisas (*gnose*) a partir de uma experiência de êxtase, de iluminação. O hermetismo, por sua vez, surge como uma religião filosófica, que porta uma revelação (*gnose*), sendo a "prisão" da alma no corpo e sua aspiração de retorno ao "lar" o motivo recorrente na literatura gnóstica (YATES 1987, p. 16).

O imaginário hermético experimentou um importante processo de institucionalização e difusão na antiguidade tardia; em seguida foi alvo de uma sistemática perseguição por parte do cristianismo ortodoxo e praticamente

desapareceu do horizonte histórico nos séculos seguintes. É a partir da redescoberta de textos da antiguidade, vindos para a Europa a partir da queda de Constantinopla, no final do século XV, que surge um renovado interesse pelo hermetismo, o qual coexistiu, num primeiro momento, com as formas institucionalizadas de religião vigentes. Assim, a figura de Hermes Trimegistro pode ser vista decorando importantes catedrais do período, inclusive no palácio papal.

Após a Contrarreforma, os esoteristas serão perseguidos nos países católicos, mas importantes figuras do mundo esotérico seguem militando abertamente nas novas religiões reformadas ao mesmo tempo em que estudam e escrevem sobre hermetismo (TREPP, 2001, p. 103). O acirramento dos conflitos religiosos, com a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), porém, produziu um clima de intolerância religiosa que levaria à organização de instituições esotéricas apartadas e diferenciadas das religiões confessionais (STUCKRAD, 2005, p. 40-45).

A primeira menção a uma instituição esotérica na Europa está no *Fama Fraternitas*, manifesto rosacruz datado de 1614. Estes primeiros "rosacruzes" são oriundos de círculos luteranos reformistas alemães, impregnados de ideias utópicas sobre uma ciência religiosa e uma *philosophia perennis*. Em 1776, surge na Alemanha a primeira liga dos *Illuminati*, precursores

de uma tendência que vai transformar radicalmente o esoterismo a partir do século XIX, propondo a harmonização entre o magismo tradicional e uma defesa radical de ideias racionalistas e iluministas (GOODRICK-CLARKE 2008, p. 117-123).

O moderno ritualismo mágico (ocultismo) surge em círculos da franc-maçonaria em meados do século XIX, sendo relevantes as obras de autores como Eliphas Lévi (1810–1875), Edward Bulwer-Lytton (1803-1873) e Gerard Encausse (Papus, 1865-1916). Lévi, por exemplo, acreditava que as ciências ocultas haviam sido veladas em simbolismos e alegorias como resultado de sua perseguição e supressão durante a era cristã, afirmando que a função primária da magia era permitir ao mago focar e dirigir sua vontade. Na sua visão, o mago usava a magia ritual para manipular e transformar forças dentro de si mesmo, para somente então elas agirem no mundo externo da matéria.

Merece destaque, ainda, a obra de Helena Petrovna Blavatsky (1831-1891), fundadora da *Sociedade Teosófica*. A Teosofia surge dentro de um contexto de

crise da religiosidade confessional e triunfo do discurso científico. Longe de desacreditar a ciência, no entanto, os teósofos propõem uma adaptação das ideias científicas contemporâneas para corroborar a ideia de evolução espiritual, através de inúmeros mundos e épocas, restaurando a dignidade e o propósito da vida humana dentro de um contexto cósmico (GOODRICK-CLARKE 2008, p. 225).

Finalmente, no século XX ocorre um importante processo de psicologização do conhecimento esotérico. O trabalho do psicólogo suíço Carl Gustav Jung (1875–1961) formulou conceitos sobre o inconsciente a partir de estudos sobre a mitologia greco-romana, em especial os textos gnósticos. Uma outra vertente original do século XX é constituída pelas ideias dos russos George Ivanovitch Gurdjieff (1866–1949) e Piotr Demianovich Ouspensky (1878–1947), fundadores da *Escola do Quarto Caminho*, a qual propõe como via do desenvolvimento espiritual a prática de exercícios psicológicos, capazes de produzir estados alterados de consciência (GOODRICK-CLARKE 2008, p. 237).

3 Trajetória dos Estudos Acadêmicos sobre o Esoterismo

A percepção do esoterismo como um objeto legítimo de pesquisa acadêmica é recente. Com raras exceções, o cenário da produção historiográfica no campo de *História das*

Religiões, até 1960, dedica pouco espaço à doutrina esotérica, normalmente considerada uma parte da nebulosa noção de "magia", que incluiria as superstições, astrologia, métodos adivinhatórios, etc.

Desde então, a evolução dos estudos historiográficos sobre o esoterismo derivou diferentes paradigmas, com seus respectivos métodos e teorias de análise, conforme passaremos a analisar.

3.1 O “paradigma de Yates”: hermetismo e renascimento

Embora desde a década de trinta alguns historiadores italianos chamassem a atenção para a importância do pensamento hermético no ambiente do renascimento italiano - inaugurando a perspectiva histórico-religiosa consagrada, desde 1973, pela "Escola Romana de História das Religiões" (AGNOLIN 2013, p. 67) -, a História das Religiões constituía-se, basicamente, da História da Igreja Católica (com especial ênfase para a hagiografia) e das novas igrejas reformadas, sendo que o interesse por grupos esotéricos esteve restrito aos movimentos ditos heréticos, que se opuseram abertamente ao poder eclesiástico.

Em 1964, a historiadora inglesa, Frances Yates (1899-1981), em seu livro "Giordano Bruno e a Tradição Hermética", propôs uma abordagem inédita: para ela, o imaginário hermético constitui o ponto de partida do pensamento humanista e do método científico. A guinada que conduz o homem em direção a uma visão antropocentrista teria uma motivação essencialmente gnóstica, de tal forma que o homem renascentista estaria, na verdade, em busca do deus interior do

imaginário gnóstico (YATES 1987, p. 492).

O debate iniciado por Yates extrapola em muito o campo da historiografia do esoterismo e constitui um novo paradigma para todo um debate sobre a cultura do renascimento. Assim, a ideia de constituição do esoterismo como um campo específico de pesquisa dentro do universo da História das Religiões surge a partir de um importante debate a respeito da história cultural da modernidade e do processo de secularização.

3.2 Riffard e Faivre: a definição do conceito de esoterismo

A Sorbonne foi o ponto de partida de um grupo de estudos acadêmicos sobre o esoterismo. O historiador francês François Secret (1911-2003), pesquisador da cabala cristã, instituiu, em 1964, o curso de "História do Esoterismo Cristão". O debate em torno do hermetismo renascentista e da teosofia cristã logo passou a exigir uma clara delimitação do objeto de pesquisa. A primeira definição acadêmica do esoterismo foi proposta pelo filósofo francês Pierre Riffard, em 1987, logo complementada pela definição conceitual e a proposta metodológica do historiador Antoine Faivre, em 1992 (STUCKRAD, 2005, p. 444). Faivre desenvolveu um modelo sistemático, que definia o esoterismo como uma forma de pensamento, cujo núcleo possuiria quatro

características básicas: uma teoria das correspondências (interconexão de todas as coisas no universo); a crença numa natureza viva e autoconsciente; a crença no poder operativo e mágico da imaginação simbólica e na transformação da matéria a partir da evolução interior (alquimia). Estes elementos estão ligados a duas dinâmicas básicas: um esforço em estabelecer denominadores comuns entre vários mestres e tradições espirituais de diferentes épocas - base da crença numa *Prisca Theologia*, uma verdade primordial comum a toda humanidade e praticada desde o seu início - e a transmissão do ensinamento por meio de um mestre, elemento sociológico do esoterismo, sendo aquele que confere a iniciação nos mistérios ao discípulo (STUCKRAD, 2005, p. 3-4).

O "paradigma de Faivre" abriu caminho para uma década de análises importantes no mundo acadêmico. Embora continue sendo uma referência importante, seus críticos contemporâneos, como Hanegraaff, afirmam que o modelo serve apenas para alguns períodos históricos específicos e despreza contextos esotéricos importantes, como as contribuições do judaísmo e do islamismo durante a época medieval, bem como a decisiva influência do budismo para a construção do esoterismo contemporâneo, além de ignorar importantes acréscimos trazidos pelo processo de secularização do esoterismo (HANEGRRAFF, 2004, p. 507-510).

3.3 Hanegraaff: *complexidade e gnose*

A fundação da "Bibliotheca Philosophica Hermética", em 1984, abriu caminho para a constituição do curso de "História da Filosofia Hermética e Correntes Relacionadas", na Universidade de Amsterdã, em 1999, dirigida pelo historiador holandês Wouter Hanegraaff, que logrou reunir pesquisadores como Kocku von Stuckrad, Olav Hammer e Marco Pasi. O novo momento dos estudos do esoterismo foi tributário da mudança perceptível que, desde a década de 1990, ocorreu no campo das ciências sociais e humanas, em especial nas pesquisas históricas. O alargamento de abordagens, metodologias e possibilidades, sem falar no relativismo dos pós-modernos, esgarçou as insuficiências das bases ideológicas e teóricas da modernidade e suas grandes narrativas. Há um interesse acentuado por linhas de pensamento alternativas e questões até então negligenciadas pela historiografia (STUCKRAD 2005, p. 56).

Assim, a ideia chave dos modernos estudos históricos, a partir de 1990, é a noção de "complexidade", mediante a qual é criticado o reducionismo contido nos rótulos tradicionalmente utilizados para se definir personagens e movimentos históricos, propondo-se o desafio de estudar as relações de suas várias dimensões identitárias enquanto partes de uma totalidade orgânica (HANEGRRAFF, 2004, pp. 508-512).

Outro elemento importante é a superação da ideia de reificar o esoterismo como uma corrente autônoma do corpo principal do cristianismo (e, portanto, de pouca importância para o destino deste) e do contexto histórico-social europeu. O desafio do campo de estudos está exatamente na direção oposta: a de explorar o entrelaçamento complexo do esoterismo com o desenvolvimento global da cultura e religião ocidentais em si, para que se possa compreender melhor a natureza e o desenvolvimento destas últimas.

Uma terceira característica da nova corrente acadêmica de estudos do esoterismo ocidental, preocupada com o *status* científico das pesquisas em andamento, é a rejeição do "adesionismo ideológico-doutrinário". A crítica ao modelo totalizante de Faivre se aproxima dos debates conceituais que ocorrem de forma geral no campo dos estudos religiosos, onde as divergências acadêmicas sobre os conceitos e demarcações de campo envolvem, além das diferenças teóricas e metodológicas de grande alcance, negociações entre abordagens disciplinares que estão competindo por espaço e prioridade acadêmica (HANEGRRAFF 2004, p. 489), além das pressões próprias do mundo social e político em que está inserido o campo de pesquisas (BOURDIEU, 1982, p. 32-33).

Por fim, cabe mencionar o dilema imposto pela própria historicidade das correntes esotéricas ocidentais. Segundo

Hanegraaff, partindo-se do conceito wittgensteiniano de *family-resemblance* (semelhança familiar), a "Nova Era" pode ter pouco ou nada em comum com o hermetismo renascentista do século XV (para não mencionar os hermetistas da antiguidade tardia) e, ainda assim, estar historicamente ligada a ele por meio de conexões intermediárias, como as recorrentes apropriações discursivas com fins identitários. Trata-se de uma forma pragmática de delimitar o campo, partindo do que o autor chama de "modelo das três estratégias", de caráter típico-ideal, que resumiriam as formas ocidentais de busca da verdade: a razão (filosofia, pesquisa científica), a revelação divina aceita coletivamente (religiões confessionais) e, finalmente, a autoridade de uma experiência espiritual pessoal ou iluminação interior, uma gnosis, base do que estamos definindo como esoterismo ocidental (HANEGRRAFF, 2004, p. 492).

A atual etapa dos estudos esotéricos assiste, ainda, à institucionalização de associações internacionais de estudos acadêmicos, como a *Association for the Study of Esotericism (ASE)*, nos EUA, e a *European Society for the Study of Western Esotericism (ESSWE)*. Estudos da temática esotérica são comuns nos encontros da *American Academy of Religion (AAR)* e *International Association for the History of Religions (IAHR)*, desde a década de 1980. No contexto latinoamericano surgiu, em 2011, o *Centro de Estudios sobre el Esoterismo* **Paralellus**, Recife, v. 6, n. 13, p. 91-104, jul./dez. 2015.

Occidental de la Unión de Naciones Suramericanas (CEEQ-UNASUR), na Universidade de Buenos Aires, dirigido pelo historiador Juan Pablo Bubello. No Brasil, os trabalhos avançam nesta direção a partir da dimensão coletiva do

trabalho acadêmico e, sobretudo, a partir do interesse da sociologia pelo movimento *New Age*, identificando o esoterismo como eixo estruturante de um novo ambiente cultural e religioso-espiritual (SIQUEIRA, 2003, p. 27).

4 O Esoterismo como campo específico de estudos

Conforme se pode notar, o debate sobre as possibilidades de delimitação e especificação do esoterismo como um campo específico de estudos acadêmicos é complexo. Entre os autores que defendem esta possibilidade, é unânime a percepção de que o esoterismo constitui uma dimensão importante para se compreender o processo de construção da modernidade ocidental. Neste sentido, dialogam intensamente com diversos autores do campo de História Cultural e da própria História das Religiões, num debate complexo sobre quem influencia o quê, e em qual medida (JULIA, 1988, p. 106-131).

Peter Berger, por exemplo, acredita que os movimentos de “volta ao espiritual” são baseados numa reação ao que Weber chama de “gaiola de ferro da modernidade”: o racionalismo intrínseco à moderna tecnologia estaria sendo percebido pelos indivíduos como controle e limitação que conduziriam à frustração; as pessoas tornaram-se “anônimas” num mundo de produção em massa e são facilmente seduzidas por um discurso de libertar-se da “repressão” das instituições

(HEELAS; WOODHEAR, 2001, p. 7); o capitalismo destrói as formações culturais que sustentam tradicionalmente a identidade, construindo no lugar uma ideologia individualista baseada na ilusão de uma autossuficiência atomística (HEELAS, 1996, p. 140-147). Dependendo do autor, um mesmo fenômeno religioso constitui exemplo tanto de crise da modernidade, como de sua reafirmação.

Esse é um ponto fundamental do pensamento dos estudiosos da “História do Esoterismo Ocidental”: estão inseridos no debate sobre a história cultural da modernidade e lutam pelo reconhecimento do esoterismo como um dos eixos articuladores do processo, não como um mero reflexo periférico das mudanças que estão ocorrendo. Neste sentido, o hermetismo renascentista constituiria uma *causa causorum* dessa transição do “eu tradicional” em direção ao “eu autônomo” e não um mero reflexo do processo.

Uma voz particularmente original, nesse debate, é a do filósofo e estudioso da religião alemão Kocku von Stuckrad, o

qual utiliza um modelo baseado na pluralidade de discursos na História religiosa europeia. Sua abordagem é oriunda da sociologia do conhecimento do professor de estudos religiosos Hans Kippenberg - com quem Stuckrad tem colaborado - e se baseia na ideia de que o pluralismo religioso é um elemento estrutural da história cultural européia, sendo o esoterismo um "elemento do discurso" que pode migrar da religião para a ciência, filosofia, literatura e arte.

Defende, assim, a ideia de que o "esoterismo" não existe como um fenômeno histórico independente, embora exista uma classificação acadêmica, tal qual a tipologia ideal de Faivre. Na sua visão, o conceito de esoterismo sugere uma doutrina coerente ou um corpo contínuo de tradição, enquanto que o "esotérico" é de fato um elemento de processos culturais, que envolvem ideias sociológicas de discurso e de transferência discursiva entre campos do conhecimento (ciência, filosofia, etc.). (GOODRICK-CLARKE 2008, p. 5-10).

A maior resistência à ideia do esoterismo enquanto campo específico vem dos pesquisadores que trabalham com o conceito de "Novos Movimentos Religiosos" (NMR), que possui boa

aceitação entre antropólogos e sociólogos da religião. A expressão surgiu, a partir dos anos 70, em substituição a termos como *seita* ou *culto*, normalmente carregados de uma conotação negativa, como na tipologia *igreja versus seita* de Ernst Troeltsch, constituindo, em princípio, um esforço no sentido de um estudo neutro. A "novidade" destes movimentos religiosos é tema de debate muito intenso; alguns autores situam a origem dos NMR no século XVII; a maioria prefere situar o processo nos século XIX, e não falta quem considere a expressão válida exclusivamente para o século XX. O ponto comum é que estes movimentos surgem a partir de transformações diretamente ligadas à laicização da sociedade e ao triunfo do pensamento iluminista.

O grupo mais significativo que estuda esoterismo a partir do conceito NMR é o CESNUR (*Centro Studi sulle Nuove Religioni*), dirigido pelo sociólogo italiano Massimo Introvigne. Seu interesse por uma análise histórica do contexto é relativamente recente e, além do próprio Introvigne, têm se destacado nesta direção autores como J. Gordon Melton, Jean François Mayer e Pierluigi Zocattelli (HANEGRAAFF, 2004, p. 491).

5 Considerações finais

Nossa proposta foi apresentar uma visão panorâmica do debate acerca da trajetória do esoterismo na academia. O esforço de classificação das vertentes elencadas não pretendeu esgotar as contribuições sobre o tema mas, especificamente, articular as contribuições historiográficas que estruturam um possível campo de estudos acadêmicos sobre o esoterismo ocidental. Do ponto de vista das áreas de concentração dos estudos, é importante destacar que os inevitáveis e inegavelmente profícuos avanços do diálogo interdisciplinar têm se dado, principalmente, entre a produção historiográfica (focada numa abordagem histórico-cultural dos fenômenos religiosos) e uma busca (mais fenomenológica e hermenêutica) pelo sentido oculto, a íntima finalidade dos fenômenos religiosos.

Uma apresentação mais completa deveria incluir um breve resumo sobre os principais trabalhos produzidos pelos autores citados que, via de regra, concentram-se em três momentos históricos: o Renascimento - tema dos primeiros trabalhos e ainda hoje responsável pela maior parte da produção historiográfica -; o século XIX - onde estão situadas as figuras mais emblemáticas do esoterismo moderno, como Eliphas Levi, Papus e Blavatsky, e que assiste à modernização institucional das escolas esotéricas - e, finalmente, a crescente produção que analisa as influências do esoterismo sobre o

universo das novas espiritualidades, que invadem o ocidente a partir da década de 1960: o chamado Movimento *New Age*.

Parte significativa dos estudiosos sobre esoterismo fazem uma análise histórico-cultural, que destaca as múltiplas relações reversivas entre o universo mágico-hermético e a moderna cultura ocidental. A maioria das pesquisas, contudo, ainda está concentrada no contexto europeu e norte-americano, havendo uma importante lacuna a ser preenchida quanto à análise da chegada das doutrinas ocultistas aos outros continentes e seus impactos sobre as culturas locais.

Por fim, vale ressaltar que os estudos sobre o esoterismo têm acompanhado as transformações próprias ao campo dos estudos da religião, que conheceu nas últimas décadas uma vertiginosa abertura de abordagens e objetos de estudo. Há uma reflexão crescente sobre o caráter histórico da própria ciência e dos condicionamentos sociais a que está sujeita toda pesquisa, bem como a busca por um diálogo interdisciplinar, a fim de aperfeiçoar as ferramentas método-lógicas e conceituais. A despeito da pluralidade que estrutura o debate, há uma crescente cooperação entre historiadores, sociólogos, antropólogos e cientistas da religião. Esse espírito de abertura ao diálogo e a preocupação de dotar as pesquisas de rigor acadêmico justificam, assim, que um campo de estudos tão recente tenha conhecido um crescimento



expressivo, tanto em números, como em resultados qualitativos de sua produção.

Referências

AGNOLIN, Adone. **História das Religiões: Perspectiva histórico-comparativa**. São Paulo: Paulinas, 2013.

BOURDIEU, Pierre. Gênese e Estrutura do Campo Religioso. In: _____. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da Ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Ed. UNESP, 2003.

DI STEFANO, Roberto. Disidencia Religiosa y Secularizacion em El siglo XIX Iberoamericano: cuestiones conceptuales y metodologicas. **Revista Projeto História**. São Paulo, PUC SP, n. 37, p. 157-178, dez. 2008, p. 159-160.

GOODRICK-CLARKE, Nicholas. **The Western Esoteric Tradition**: a historical introduction. Oxford : Oxford University Press, 2008.

HANEGRAAFF, W. **New Age Religion and Western Culture**: esotericism in the mirror of secular thought. Leiden, Brill, 1996.

HANEGRAAFF, W. How magic survived the disenchantment of the world. Wouter Hanegraaff. **Religion**. Amsterdam: Elsevier, n. 33, p. 357-380, 2003.

HANEGRAAFF, W. The Study of Western Esotericism: New Approaches to Christian and Secular Culture. In: ANTES, P. GEERTZ, WARNE. **New Approaches to the Study of Religion**. Berlim: Walter de Gruyter, 1, p. 489-566, 2004.

HEELAS, Paul. **The New Age Movement**. Cornwall: Blackwell, 1996.

HEELAS, Paul. WOODHEAR, Linda. **Peter Berger and the Study of Religion**. Londres: Routledge, 2001.

JULIA, Dominique. A religião: História religiosa. In: LE GOFF, J.; NORA, P. (Orgs). **História**: novas abordagens. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. p. 106-131.

MASSENZIO, Marcello. **A História das Religiões na Cultura Moderna**. São Paulo: Hedra, 2005.

PORTELLA, Rodrigo. Reflexos no Espelho: reflexão sobre as Ciência(s) da(s) Religião(ões) dos Programas de Pós-Graduação brasileiros. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano III, n. 9, jan. 2011, p. 214.

SIQUEIRA, Deis; LIMA, Ricardo Barbosa de (Orgs.). **Sociologia das adesões**: novas religiosidades e a busca místico-esotérica na capital do Brasil. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

STUCKRAD, Kocku V. **Western Esotericism**: a brief history of Secret Knowledge. London, Equinox Publishing, 2005.

TREPP, Anne-Charlot; LEHMANN, Hartmut (Eds.). **Praxis**: Hermetismus in der Frühen Neuzeit. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2001.

USARSKI, Frank. **Constituintes da Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2006.

VASICECK, Osvald. Heterology in Amsterdam: the Academy takes the other out to dinner. In HANEGRAAFF, Wouter (Org.). **Hermes in the Academy**: ten year's study of Western Esotericism at the University

Amsterdam. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2009. p. 109-110.

YATES, Frances. **Giordano Bruno e a Tradição Hermética**. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

Recebido em: 27/09/2015.
Aceito para publicação em: 21/12/2015.